

## “TENHO DÓ DESTAS CRIANÇAS QUE VIVEM NO QUARTO DE DESPEJO MAIS IMUNDO QUE HÁ NO MUNDO”<sup>1</sup>: INFÂNCIAS, POBREZA E ASPECTOS SOCIAIS

*Fabrcia Costa Pereira*  
Universidade do Estado da Bahia

*Rosilane Ferreira Batista*  
Universidade do Estado da Bahia

*Tatyanne Gomes Marques*  
Universidade do Estado da Bahia

*Jany Rodrigues Prado*  
Universidade do Estado da Bahia

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo refletir sobre infâncias, pobreza e seus aspectos sociais através das narrativas do livro Quarto de Despejo. A metodologia para a realização deste estudo parte da análise das temáticas abordadas no livro Quarto de Despejo, articuladas aos estudos de autores e autoras que tratam sobre a construção social da infância. A pesquisa retrata as concepções de infâncias, pobreza e aspectos sociais na ótica de Carolina de Jesus e outros teóricos como Bento (2002); Silva (2006) e Gomes (2002). O texto mostra que, apesar dos avanços na legislação brasileira, há muitas questões que não foram alcançadas, como o direito a uma educação pública e de qualidade, a oportunidade de inclusão social, entre outros. Desta maneira, algumas crianças conquistaram direitos que constituem o que compreendemos hoje como infância. Outras crianças, mesmo com conquistas legais, continuam jogadas às margens da sociedade, como Carolina de Jesus descreve em seu diário.

**Palavras chave:** Crianças. Infâncias. Quarto de despejo. Contexto Social.

### Introdução

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre infâncias, pobreza e seus aspectos sociais. Buscamos fazer uma correlação dessas categorias com diálogos da autora Carolina Maria de Jesus, documentados em seu livro Quarto de Despejo, uma vez que as temáticas estão conectadas.

A metodologia para a realização deste estudo parte da análise das temáticas abordadas no livro Quarto de Despejo, articuladas aos estudos realizados nas disciplinas Infância e Educação infantil e Redação científica, os quais colaboraram para a ampliação da nossa compreensão sobre infâncias. As novas lentes que adquirimos permitiram que enxergássemos

---

<sup>1</sup> Frase expressa no livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” que evidencia as mazelas sociais que as crianças viviam como violências, falta de acesso à educação, cenas de nudez, fome e misérias.

a infância retratada no livro, já lido em outra ocasião, porém, só a partir das discussões realizadas nas disciplinas é que nos atentamos para esses aspectos.

De acordo com Barbosa (2017), ao longo do tempo, foi se consolidando diferentes conceitos de infância e, dentro de cada perspectiva abordada, é possível encontrar várias “infâncias” se considerarmos as diferenças sociais, culturais e econômicas entre elas. Por isso, a infância não se prende a um só significado. Salientamos então a palavra infâncias, no plural, pois a infância, como conceituada ao longo dos anos, conforme tratamos neste texto, não é uma realidade de todas as crianças. Muitas ainda continuam sendo vítimas das mais diversas formas de violências e exclusão social. Isso é comprovado cotidianamente e publicado nos diferentes meios de comunicação, que denunciam a exploração sexual, a exploração do trabalho infantil, a negligência parental e do Estado para com elas.

O livro Quarto de Despejo é um diário da autora Carolina de Jesus que retrata suas vivências na favela do Canindé-SP nos anos de 1955 a 1960. A autora negra, favelada, catadora de papel, mãe solo, escritora, registra suas experiências nos livros e cadernos encontrados na rua. O livro foi um meio de expressar todos os seus sentimentos da dura e amarga realidade que a sucumbia. A obra denuncia como as pessoas pobres, que vivem em lugares sem notoriedade, são descartadas pelos governantes. Além disso, mostra o cenário caótico onde vivem as classes sociais menos favorecidas e suas implicações: como a fome, pobreza extrema, negligência do Estado em relação à educação, saneamento básico, saúde. Carolina de Jesus revela como a negação desses serviços torna os lugares às margens um ambiente hostil, violento e marginalizado, especialmente, para as crianças.

Mas o que seria o “Quarto de Despejo”? Essa expressão foi utilizada pela autora propositalmente para ressaltar que os ambientes esquecidos, sem prestígio, como as favelas, são mazelas sociais, onde se joga o que não “presta” ou que não tem valor. É o local que ninguém vê e não quer estar, um quarto bagunçado que se esconde toda podridão e sujeira, um espaço sem organização.

Sendo assim, no debate sobre a “Infância e a Educação Infantil”, consideramos necessário pensar como *a pobreza influencia na vida das crianças? Será que a infância, como foi sendo configurada ao longo dos anos, com conquistas de direitos e proteção, é um direito alcançado por todas as crianças? Independentemente de sua classe social e econômica, elas são vistas como sujeitos de direitos?* É nesse sentido que este estudo visa articular dados atuais sobre infância, pobreza e outras problemáticas em diálogos com a obra Quarto de Despejo.

## Para começo de conversa: O que é infância?

A concepção de infância que a sociedade atual compreende, a qual distingue a criança como um ser com individualidades, necessidades específicas, interesses e modos de pensar, não existia antes do século XVIII. Até a idade média, as crianças eram vistas como adultos em miniatura (ANDRADE; BARNABÉ, 2010).

De acordo com as pesquisas realizadas por Ariès (1981), a palavra infância possui origem latina, cujo significado central é “aquele que não fala”. É perceptível o descaso para com as crianças desde as sociedades antigas, pois eram consideradas inúteis. Além disso, eram vítimas de abusos físicos, psicológicos e sexuais que, na maioria das vezes, eram vindos dos próprios familiares. Não havia punição para esses/as agressores/as, não existiam leis que as protegessem contra as diferentes formas de violência e exclusão social praticada pelos adultos. Os estudos de Ariès (1981) mostram que as crianças eram excluídas da vida social e, quando eram retratadas, tinham aspectos faciais e vestes de adultos. A análise de quadros, entre outros estudos feitos pelo autor, comprovou sua teoria de como a criança era vista na Idade Média, como um adulto em miniatura.

Na sociedade medieval, as práticas de higiene eram inexistentes. Postman (1999) afirma que, devido à falta de tais hábitos, o índice de mortalidade infantil era alto, pouquíssimas crianças chegavam ao que era considerado “adulto” naquele contexto. Isto é, aos sete anos de idade, idade estipulada pela igreja. Esse recorte etário se pautava na época no que consideravam a “idade da razão”. Acreditavam que, com sete anos, os indivíduos já sabiam separar o bem do mal. Além da ausência de higiene, não havia cuidados em relação a regras morais no trato para com as crianças. Segundo o autor, os adultos brincavam com os órgãos genitais dos pequenos e empregavam uma linguagem vulgar na presença das crianças.

Frabboni (2006), baseado nos estudos de Ariès, identificou três momentos significativos no processo de construção do conceito de infância. O primeiro momento é na Idade Média e se caracteriza como “a infância negada”, pois, nesse tempo, a criança era vista como adulto em miniatura. O segundo momento, surge na revolução industrial, quando a criança começa a ter um pouco mais de visibilidade na sociedade, pois a consideravam um ser dependente e frágil que necessitava de cuidados e proteção (no caso das crianças de elite).

Já terceiro momento é o que se considera a contemporaneidade. Ao longo do processo histórico, a sociedade passou a compreender a criança como um ser que deve ter sua autonomia,

subjetividade e liberdade respeitadas, isto é, um sujeito de direitos, como está posto no Estatuto da Criança e do Adolescente, promulgado no ano 1990, pela lei n. 8.069 (BRASIL,2016). Esse documento, dos mais relevantes para os direitos das crianças no Brasil, nos artigos 3º e 4º, afirma que todas as crianças, sem discriminação, têm o direito de viver plenamente o que passamos a denominar de infância. A infância, então, envolve as dimensões biológicas, psicológicas e lúdicas (BRASIL, 2016). Contudo, essa concepção de infância não foi e não é experimentada da mesma forma por todas as crianças. De acordo com Santos (2007), no Brasil, a preocupação com as crianças, infância, surge ainda no período colonial, adotando-se a percepção de infância proposta por Ariés, porém essa concepção foi deliberada apenas para a criança branca e da elite, negando o direito da infância às crianças pobres, negras e indígenas.

De um lado, a criança branca e da elite, que passou a ter direitos à educação, privilégios de reconhecimento na sociedade como indivíduo pensante, com acesso à cultura, entre outros bens. Do outro lado, crianças negras, indígenas, pobres, que eram abandonadas pelos pais. A estas foi negado o direito à infância, o direito à educação e de serem reconhecidas como um indivíduo da sociedade (SANTOS, 2007).

Apesar dos avanços na legislação brasileira como, por exemplo, a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no ano 1990 a partir da Constituição de 1988, que visa garantir que todas as crianças sejam sujeitas de direitos, há muitas questões que não foram alcançadas. Podemos destacar direitos à educação pública e de qualidade, as oportunidades de inclusão social, a extinção do trabalho infantil e exploração sexual, entre outros.

A vulnerabilidade social em que milhares de crianças brasileiras se encontram, provocada pela extrema pobreza, as péssimas condições de vida, é fruto das desigualdades sociais. Essa realidade leva-nos a afirmar que aquilo que se compreende por infância na atualidade não é uma realidade para muitas crianças, o que, segundo Kramer (*apud* SANTANA, 2008), acarreta vários problemas, entre eles, a implementação de políticas educacionais direcionadas às crianças.

## **2 – “Queria enviar um sorriso amável as crianças”<sup>2</sup>: As concepções de infância reveladas na obra Quarto de Despejo**

---

<sup>2</sup> Frase do livro Quarto de Despejo. Apesar da situação que a autora vivenciou, ela via as crianças com carinho e amor.

A obra Quarto de Despejo traz, por meio dos relatos documentados, uma visão particular e interessante em relação à infância e à criança. Durante a leitura reflexiva e crítica, são perceptíveis os vários momentos em que a autora relata a infância dos seus filhos e das crianças do seu contexto social para além do cenário de pobreza, analfabetismo, vulnerabilidade social e negligência parental. Ela possuía uma visão de criança e infância diferente das demais pessoas do seu contexto social. Como demonstra no trecho a seguir:

[...] Surgio D. Cecilia. veio repreender meus filhos. Lhe joguei uma direta ela retirou-se. Eu disse: - Tem mulher que diz saber criar os filhos, mas algumas tem filho na cadeia classificado como mau elemento. Ela retirou-se. Veio a indolente Maria dos anjos. Eu disse: - Eu estava discutindo com as notas, lá vem os trocos. [...] Eu nunca chinguei filhos de ninguém. Eu nunca fui na porta de vocês reclamar de seus filhos. [...] Sei que criança não nasce com senso. Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis. (JESUS, 2001, p. 13).

[...] A dona Rosa assim que viu meu filho José, começou a imprecisar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espanca-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fêditas. Ela odeia-me. (JESUS, 2001, p. 13).

Os trechos acima evidenciam a visão da autora em relação à infância e criança. A mesma cita que “criança não tem senso”, o que leva ao entendimento de que ela acreditava na inocência das crianças. Esse pensamento da autora está em concordância com os estudos que o teórico Ariès desenvolveu sobre História social da criança e da família. Revela que foi a partir do sec. XVII, logo após a primeira revolução industrial, que os adultos passaram a preocupar-se com as crianças, considerando-as frágeis, inocentes e necessitadas de proteção (SANTOS, 2007).

Os trechos da obra expõem também a violência que as crianças sofriam por parte dos/as moradores/as da favela, violência física, psicológica, negligências. Esses são apenas dois dos vários trechos onde a autora relata a violência vivenciada pelas crianças, com a qual ela não concordava. Ela acreditava na pureza das crianças e, de certa forma, desejava transmitir-lhes esperança. Como é dito no trecho: “Com os homens e as mulheres eu tenho um olhar duro e frio. O meu sorriso, as minhas palavras ternas e suaves, eu reservo para as crianças” (JESUS, 2001, p. 34).

As violências vivenciadas pelas crianças, descritas por Carolina de Jesus no ano de 1955, infelizmente ainda são atuais. Uma divulgação do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), no ano de 2011, reportada no arquivo do ministério dos direitos humanos, no site do governo federal, revela que, a cada 100 mil denúncias registradas, 40% são

de agressões contra crianças e adolescentes. Destaca-se também a violência sexual notificada em 20% dos atendimentos que se concentram na faixa de 5 a 14 anos de idade (MORESCHI, 2018).

Em trechos da obra de Carolina de Jesus, a autora relata que as crianças eram expostas a cenas de nudez e presenciavam agressões físicas. Além disso, interessavam-se pela vida sexual desde muito cedo. Como mostra os seguintes trechos:

[...] Já faz tempo que a meiry anda prometendo que vai bater na Nair. A meiry é temida porque anda com gilete. E ela foi bater na Nair e apanhou, a Nair rasgou-lhe as roupas deixando-lhe nua. E as crianças sorri e batem palmas como se estivesse aplaudindo. Atualmente as crianças não mais emocionam quando vê uma mulher nua, já estão habituadas. (JESUS, 2001, p.64)

[...] É que no dia 08 de julho de 1958, ela disse-me que meu filho João de 11 anos havia tentado violentar a sua filha. Eu não vi porque eu estava trabalhando. E ela não apresentou testemunha. [...] Eu fui falar com uma senhora que queria saber o que ocorria com João. Ela perguntou ao João se ele sabia o que era fazer porcária. Ele disse que sabia. E se ele havia feito porcária na menina ele disse que não. (JESUS, 2001, p. 109).

Essas passagens demonstram que a infância retratada pela autora se relaciona com a infância na idade média, quando era comum as crianças serem expostas à violência. Conforme Ariès (1981, p.28) observa: “A prática de brincar com as partes íntimas das crianças fazia parte de uma tradição largamente aceita”. Felizmente essa “tradição” atualmente é considerada crime pela lei, como está descrito no Estatuto da Criança e do Adolescente. Esta lei enquadra o abuso, violência e exploração sexual como corrupção de menores. Essas práticas são consideradas crimes hediondos e os (as) autores (as) não têm direito à fiança. Legalmente falando, um passo de avanço na sociedade foi dado, que é a desnaturalização do abuso sexual infantil.

Nunes e Sales (2016) apontam que, na perspectiva divulgada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência contra crianças pode ter quatro dimensões: físico, sexual, emocional e psicológico. Todas essas violências sofridas na infância podem resultar em danos psicológicos, físicos e até uma regressão no desenvolvimento e maturação da criança.

Ao ler a obra de Jesus, é impossível não perceber que a maioria das narrativas da autora são de tristeza e, em muitas delas, devido à fome enfrentada por ela e seus filhos.

[...]. Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a

banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 2001, p.27)

**11 De dezembro...** comecei a queixar para dona Maria das coelhas que o eu ganho não dá pra tratar os meus filhos. Eles não têm roupas nem o que calçar. E eu não paro um minuto. Cato tudo que se pode vender e a miséria continua firme do meu lado. Ela me disse que já está com nojo da vida. Ouvi seus lamentos em silencio. E disse-lhe: Nós já estamos predestinados a morrer de fome! (JESUS, 2001, p. 126).

Um operário me perguntou-me: - É verdade que você come o que encontra no lixo? – O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os animaes. (JESUS, 2001, p. 100).

“A escravatura atual!”, assim chamada pela autora quando relatou a fome que enfrentava junto com seus filhos, no ano de 1950, ainda é realidade de muitos brasileiros. Como mostram as estatísticas reveladas pela Organização das Nações Unidas (ONU) a partir de dados assegurados pela Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mais de 10 milhões de brasileiros/as são expostos/as à fome cotidianamente. Esses dados, obviamente, incluem as crianças.

Com base nos relatos e nos dados apresentados, é preciso levar em consideração a má distribuição de renda no país, isto é, a extrema riqueza nas mãos de poucos e a baixa renda para grande parte da população. Essa desigualdade, produzida pela organização social capitalista, mantém uma considerável parcela da população na pobreza, o que impede que muitas crianças de vivam, de fato, suas infâncias.

Apesar da autora Carolina de Jesus relatar a sua vida na favela com amargura e, mesmo não considerando sua vida digna, ela se preocupava com a infância dos seus filhos. Empenhava-se para fornecer educação intelectual e moral porque acreditava que, formando a moralidade dos/as filhos/as, poderia afastá-los do caminho da delinquência, da violência e dos vícios, como mostram os trechos a seguir:

[...] O que eu reprovos nas favelas são os pais que mandam os filhos comprar pinga e dá as crianças pra beber. E diz: - ele tem lumbriga. Os meus filhos reprovos o álcool. O meu filho João José diz: -Mamãe, quando eu crescer, eu não vou beber. O homem que bebe não compra roupas. Não tem rádio, não faz casa de tijolo. (JESUS, 2001, p. 18).

**09 de julho...** O dia está triste igual minha alma. Deixei o João fechado estudando. Disse-lhe que o homem que erra está vacinado na opinião publica. O que eu observo é que os que vivem na favela não podem esperar boa coisa desse ambiente. São os adultos que contribuem para delinquir os menores.

Temos os professores de escândalos: A Leila, a Meiry, a Pitita e a Deolinda. (JESUS, 2001, p. 79).

O pensamento de Carolina de Jesus em relação aos adultos corromperem as crianças vai ao encontro com a teoria de Jean Jacques Rousseau. Para este pensador, o ser humano nasce bom, a sociedade é quem o corrompe. Por isso, no caso das crianças, é preciso respeitá-las como um ser completo, com individualidades e, assim, deixá-la livre para que a natureza possa atuar no seu curso natural, propiciando um desenvolvimento saudável desde a infância (HEYWOOD, apud JÁCOME, 2018).

A partir da realidade vivida na favela por Carolina de Jesus e seus filhos, o/a leitor/a da sua obra é instigado/a a pensar as diferentes realidades que se consolidaram no Brasil e refletir sobre as questões que induziram ao cenário de desigualdades e vulnerabilidades que se perpetuam até os dias atuais.

## **2- “Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil?”<sup>3</sup>: Uma análise das indagações de Carolina de Jesus**

Para compreendermos como a pobreza é retratada no livro Quarto de Despejo, é preciso ir às particularidades desta problemática no contexto social brasileiro. Silva, Bandeira e Lopes (2011) destacam que a pobreza é caracterizada por múltiplos processos que vão além da falta de renda, o que envolve a ausência de itens básicos para sobrevivência e bem-estar, como alimentação, educação e lazer. Neste sentido, é preciso entender que a pobreza provoca a insuficiência de acesso a bens e serviços públicos fundamentais para se viver com dignidade como saúde, segurança, transporte, habitação e saneamento.

Uma pesquisa divulgada pelo IBGE no ano de 2019 revela que o Brasil tem aproximadamente 52 milhões de pessoas em situação de pobreza e 13 milhões de pessoas na extrema pobreza, famílias que sobrevivem com um valor de renda mensal de até R\$ 151. A situação é mais crítica na região nordeste, mais precisamente no Maranhão, onde, a cada cinco moradores, um vive em situação de vulnerabilidade social e econômica. (CARMEN,2019).

---

<sup>3</sup> Narrativa expressa por Carolina de Jesus, que expõe sobre as desigualdades sociais que os pobres sofrem no Brasil.

Essa realidade do Brasil faz-se presente em relatos documentados por Carolina de Jesus, no ano de 1955.

Uma das maiores inquietações de Carolina de Jesus é referente à pobreza e suas implicações. Em vários momentos do seu livro, a fome, a miséria e a pobreza são protagonistas daquele contexto tão amargo e feroz. Essa condição de pobreza consome aqueles sujeitos marginalizados, conforme as narrativas a seguir evidenciam:

**15 de julho de 1995** aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 2001, p. 09).

**21 de maio** passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa, e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do rio Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (JESUS, 2001, p. 35).

O que a autora mais evidencia nos trechos documentados, sem dúvida, é a fome. O discurso se manifesta carregado de tristeza, desesperança e incerteza em relação ao futuro das crianças e também do seu próprio. A mesmo tempo, Carolina de Jesus faz uma leitura da realidade fundamentada em fatos históricos “*E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!*”. Silva (2016) aponta que a escravidão no Brasil foi uma das principais causas da pobreza, intensificando as desigualdades sociais, pois, após a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888, não foi ofertada uma estrutura social para os negros/negras. Isso os/as deixou sem amparo social do Estado. Nascimento e Santos (2017) destacam que depois da abolição a população negra foi entregue à própria sorte, sem nenhuma proposta de Políticas Públicas que a incluísse na sociedade. Com isso, houve uma concentração dessas populações em bairros periféricos dos grandes centros urbanos, acompanhados pelo desemprego, analfabetismo, fome, precariedade econômica, o que se mantém até aos dias atuais.

Mota (2015) pontua que a nossa sociedade é assustadoramente desigual e que no Brasil há um grande percentual de pobreza. É claro que isso não é um fenômeno característico apenas do nosso país, é um marco de todos países capitalistas que só visam à conquista de lucro. O

autor salienta que o Brasil é um dos lugares com maior concentração de renda do planeta. Essa centralização do dinheiro fica explícita nas narrativas do livro Quarto de despejo. Esta obra, em todas as suas nuances, escancara as desigualdades produzidas pelo capitalismo e como a falta de assistência das entidades públicas influenciam a vida dos pobres, em especial, das crianças.

**8 de dezembro...** de manhã um padre veio dizer missa. Ontem ele veio como carro capela e disse que aos favelados que eles precisam ter filhos. Penso: porque há de ser o pobre que há de ter filhos- se filhos de pobre tem que ser operário? Na minha fraca opinião quem deve ter filhos são os ricos, que podem dar alvenaria para os filhos e eles podem comer o que desejam. Quando o carro da Capela vem na Favela Surge varios debates sobre a religião. As mulheres dizia que o padre disse-lhes que podem ter filhos e quando precisar de pão podem ir buscar na igreja. Para o senhor vigário, os filhos de pobres criam só com pão. Não vestem e não calçam. (JESUS, 2001, p. 124).

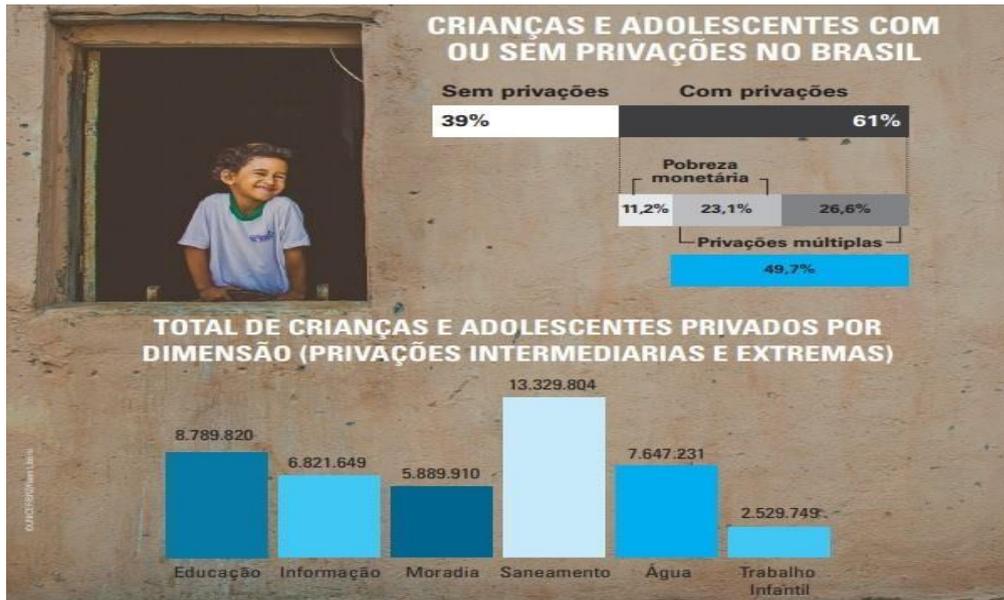
**30 de maio [...].** José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: e se tiver veneno? É que as crianças não suportam a fome. (JESUS, 2001, p.42).

[...] Quando retornava ouvir a voz da Vera. Ela dizia: José Carlos, olha mamãe! veio correndo em minha direção. Disse que ela e José Carlos tinham ido pedir esmolas. Ela estava com saco nas costas. Eu vinha na frente e dizia que ela devia era fazer as lições. (JESUS, 2001, p.74).

A realidade exposta pela autora sobre o enfrentamento da pobreza no cotidiano, na periferia, expõe a dificuldade de prover o alimento para suas crianças. Nesta perspectiva, fica alguns questionamentos, será que o conceito de infância conquistada ao longo dos anos seria uma utopia? Ela escolhe classes sociais e econômicas? A resposta que conseguimos produzir é que precisamos repensar as infâncias em suas totalidades e realidades. Faz-se necessária a ação de políticas eficientes que garantam o direito de viver a infância com todos os direitos.

Uma pesquisa feita no ano de 2018, pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância, Unicef, revela que 61% dos meninos e meninas, no Brasil, vivem em pobreza (UNICEF, 2018). Deixam claro que é preciso pensar na pobreza em suas múltiplas dimensões, uma vez que vai além do fator econômico, a mesma também é o resultado de privações, como de moradia, educação, saneamento básico, água, exclusões. Dentre essas diversas vulnerabilidades, está o trabalho infantil, ao qual meninas e meninos estão expostos cotidianamente e isso causa impacto em sua infância e bem-estar.

Figura1- Crianças e adolescentes com ou sem privações no Brasil.



Fonte: UNICEF. **Pobreza na infância e na adolescência (2018).**

Os dados da figura 1 mostram as múltiplas privações a que 61% das crianças brasileiras estão expostas: falta de saneamento básico, água, educação, moradia, informação e educação. Em síntese, apenas 39% das crianças brasileiras têm seus direitos garantidos plenamente. Com base nos dados, podemos afirmar que viver uma infância sem privações no Brasil é quase um privilégio.

### 3- “É pena você ser preta”: a raça/cor e suas implicações para a vivência das infâncias

Carolina de Jesus, na condição de mulher, negra e pobre, mesmo vivendo em condições sub-humanas, sempre teve uma visão crítica da realidade de maneira analítica, sagaz e reflexiva. Sua obra expõe revolta, além de evidenciar um grito de socorro da vida miserável que estava submetida. Seus diálogos interseccionam as relações de gênero, classe e raça, como nos trechos a seguir:

[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: - É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e meu cabelo rústico. Eu até acho que o cabelo do negro mais inducado do que o cabelo do Branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar movimento na cabeça e já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre Preta. Um dia um branco disse-me: Se os pretos tivesse chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos poderiam protestar com razão. Mas, nem o branco e nem preto conhece sua origem. O branco é que diz que é superior, mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o preto também. A natureza e não seleciona ninguém. (JESUS, 2001, p.58).

Observamos que a narrativa expressa como o racismo é vivenciado por ela. Além disso, fica evidente como a branquitude impõe e hierarquiza a partir de privilégios. Segundo Bento (2002), a discriminação racial e as discrepâncias sociais brasileira são fruto de uma inferiorização dos negros. Nessa relação, estes são vistos sem valor, o feio, o incompetente. Nesse contexto, “O branco é que diz que é superior”. Todavia, Carolina de Jesus questiona, “mas que superioridade apresenta o branco?”. Sendo assim, Bento (2002) salienta que as desigualdades raciais são consequências do período escravocrata. Neste sentido, a branquitude se apresenta como um sistema constituído pela elite brasileira, caracterizando-se pela defesa de privilégios e apropriação simbólica, econômica e política. Isto acarreta uma depreciação dos/das negros/negras na sociedade “é pena você ser preta”. Como se vê, ao longo da história, foram criados e estruturados privilégios de certos grupos brancos sobre outros. Estes esquecidos e marginalizados nas geografias das cidades, nas relações sociais e suas hierarquias de raça/cor, etnia, classe, gênero e geração.

As crianças não estão à parte nessas relações hierarquizadas. O Brasil racializado, desde a colonização, concede privilégios para as crianças brancas e da elite que possuíam/possuem o direito de estudar para se tornar “doutor”. Já as crianças negras foram escravizadas e, de lá para cá, não têm privilégio algum. Pelo contrário, poucas conseguiam sobreviver e, quando sobreviveram, a partir dos 7 anos, já tinham que exercer funções de trabalho, além de servirem como brinquedos humanos para os meninos da elite (GOÉS; FLORENTINO, 2013).

O cotidiano da autora Carolina de Jesus, documentado na obra Quarto de despejo, foi escrito entre o período de 1950 e 1960, época de Ascensão tecnológica e valorização da economia interna no Brasil. Período em que Postman (1999) trata como um episódio histórico, pois o país experimentava sua segunda revolução industrial, o que influenciou na remodelação da ciência, da tecnologia e no aumento das massas populares. Todavia, isso ocorreu concomitantemente com o aumento das massas nas cidades e nas favelas. A desigualdade social só aumentou, conforme a obra Quarto de Despejo mostra. As realidades das infâncias se tornaram cada vez mais distintas: de um lado, a infância com direitos garantidos; do outro, uma infância negada, crianças sendo marginalizadas, sofrendo preconceitos, sem acesso à educação, à alimentação diária, enfim, jogadas à própria sorte.

Ao longo da história, observa-se que a criança negra e pobre, que antes era escrava, passa a ser chamada de menor, já a criança branca da elite, das classes médias e altas, permanece

sendo considerada criança, ou seja, a teoria é contraditória à realidade (SANTOS, 2007). No Brasil, a cor da pele infelizmente é um fator de hierarquização. O “branqueamento” afeta de modo direto nas relações, na construção da identidade e pertencimento das crianças negras (MÁXIMO *et al*, 2002). Desta maneira, muitas crianças negras não se enxergam em grupos de pertencimento e sofrem vários tipos de discriminações e violências.

Gomes (2002) expõe que a identidade negra passa por uma construção social, cultural e histórica. Essa construção é marcada por tensões e conflitos. A autora frisa que no país o ser negro/negra se dá por meio de um processo de tornar-se negro/a. Essa construção é realizada por meio da compreensão da diversidade, por meio da arte, música, linguagem bem como nas relações e as visões de mundo. A autora ressalta que a ideologia racial, então, atua como instrumento na criação do imaginário distorcido da história negra e da cultura de modo que, para justificar diferentes elementos simbólicos, utilizam de objetos para validar as hierarquias de determinados grupos sobre outros. Essas hierarquias sociais afetam todo coletivo negro principalmente as crianças pequenas, pois a estas são reservados os níveis mais baixos nas hierarquias sociais.

Eurico (2020) relata que as crianças negras sofrem violências racistas de maneira explícitas ou veladas. O racismo estrutural marca de maneira visceral a infância. Assim sendo, esses sujeitos que, em sua maioria vivem em locais periféricos, são expostos às violências do próprio Estado. Assim sendo, a autora pontua que a infância dessas crianças não é vivida em sua plenitude.

Crianças negras e pobres precisam assumir responsabilidades muito cedo. O trabalho infantil mantém-se presente e gera um amadurecimento repentino e precoce, de modo que as meninas negras sofrem de forma mais densa as obrigações de cuidar da casa, dos irmãos/as, entre outras tarefas. Já os meninos são incumbidos a responsabilidade de sustentar a família, muitas vezes, pelo sonho de ser jogador de futebol. Como é visto na obra Carolina de Jesus, apesar de ela ter todo o cuidado com os seus filhos, muitas vezes o contexto de segregação em que vivia, a obrigava a deixar responsabilidades para eles. Ao sair para o trabalho, deixava-os só em casa. Em outras ocasiões, precisava levá-los para ajudá-la no trabalho. Toda essa responsabilização dos indivíduos decorre da não responsabilização do Estado.

Para que haja mudanças nesses contextos e essas crianças vivam a infância como sujeitos de direitos, argumentamos que é preciso que haja a efetivação das leis e que o Estado assuma sua responsabilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do livro Quarto de Despejo e as concepções da história social da infância, trabalhadas na disciplina Educação infantil, permitiram a reflexão sobre o processo de construção da infância e que não se prende a um só significado, é preciso considerá-la em sua pluralidade pois, dentro de cada perspectiva abordada, é possível encontrar várias “infâncias” se considerarmos as diferenças sociais, culturais e econômicas entre elas. No decorrer da história, algumas crianças conquistaram direitos que constituem o que compreendemos hoje como infância. Outras crianças, mesmo com conquistas legais, continuam jogadas às margens da sociedade, como Carolina de Jesus descreve em seu diário.

Apesar das conquistas de direitos, como o estatuto da criança e do adolescente (ECA), que reconhece, no art. 2º, a criança como sujeito de direitos legítimos e indissociáveis, que precisa ter atenção prioritária por parte do Estado, da sociedade e da família, falta ainda a efetivação para que se assegure, de fato, a proteção às infâncias.

A partir de tudo o que foi analisado sobre as questões que permeiam a sociedade desigual em que vivemos, foi possível compreender as diversas realidades em que as crianças se encontram. É preciso compreender que o Brasil é assustadoramente desigual e que ainda há um grande percentual de pobreza, aspecto que inviabiliza o viver a infância com direitos e proteção. A fome e violência são aspectos que tornam a infância construída historicamente uma utopia para maioria das crianças brasileiras, como nos mostrou os dados estatísticos e as narrativas de Carolina de Jesus.

A obra Quarto de despejo nos possibilitou compreender que ainda há seres humanos que vivem em condições sub-humanas e que existem crianças que não vivem a infância em sua totalidade e significado, isto é, como seres de direitos, com subjetividades, com autonomia, liberdade e proteção. Além disso, como as raízes da escravidão se permeiam no país até a atualidade, Carolina de Jesus, negra, pobre, escancarou para o mundo o que é ser pobre em um lugar tão desigual que esquece dos negros/negras.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981. p. 279.

BENTO, M. A. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. Em I. Carone, & M. A. Bento, Psicologia Social do Racismo. Petrópolis: Vozes. 2002.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **ECA \_ Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm). Acesso em: 10 de abril. 2020.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Condições de vida, desigualdade e pobreza**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 19 de dez 2020

BRASIL, Ministério dos Direitos Humanos: **Violência contra Crianças e Adolescentes: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/violencia-contracrianças-e-adolescentes-analise-de-cenários-e-propostas-de-políticas-públicas-2.pdf>. Acesso em: 22 de dez. 2020

CARMEN, Nery. **Síntese de Indicadores Sociais Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos**. Agência IBGE Notícias, Publicado em: 07/11/2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>. Acessado em: 02 de abril 2021.

DEMARTINI, P. Contribuições da sociologia da infância: focando o olhar. Florianópolis: **Revista Zero-a-seis**. 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/Carmem/Downloads/Inf%C3%A2ncias%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil%20-%20Anete.pdf> Acesso em 15 dez.2020.

EURICO, Marcia Campos. Tecendo tramas acerca de uma infância sem racismo. **Revista em Pauta**. Rio de Janeiro. 2020. Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/47214>. Acessado em: 09 abril. 2021.

FRABBONI, F. **A escola infantil entre a cultura da infância e a ciência pedagógica e didática**. 2006. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19895\\_10342](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19895_10342). Pdf. Acesso em: 23 de dez. 2020

GÓES, José Roberto de; FLORENTINO, Manolo. **Crianças escravas, crianças dos escravos**. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das crianças no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 177-191.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra**. Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. 2002. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit> acessado em: 08 abril.2021.

\_\_\_\_\_, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Disponível em:

[https://scholar.google.com/scholar\\_lookup?title=+Sem+perder+a+raiz:+corpo+e+cabelo+com+o+s%C3%ADmbolo+da+identidade+negra&author=GOMES+N.+L.&publication\\_year=2008#d=gs\\_qabs&u=%23p%3Dcs6e9rI8M5cJ](https://scholar.google.com/scholar_lookup?title=+Sem+perder+a+raiz:+corpo+e+cabelo+com+o+s%C3%ADmbolo+da+identidade+negra&author=GOMES+N.+L.&publication_year=2008#d=gs_qabs&u=%23p%3Dcs6e9rI8M5cJ) Acesso em: 09 abril.2021.

GONÇALVES, Hebe Signorini, 1956- **Infância e violência no Brasil**. NAU Editora; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003.

JÁCOME, Paloma da Silva. **Criança e infância: uma construção histórica**. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. Editora ática. São Paulo:2001.

KRAMER, Sônia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, Luiz Cavaliere e KRAMER, Sônia. **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 83-106.

MAXÍMO, T.A. *et al.* **Processos de identidade social e exclusão racial na infância da solidão**. Psicologia em revista. Belo Horizonte. vol.18 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682012000300011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682012000300011) acessado em 09 abril. 2021.

MORESCHI, Marcia Teresinha. **Violência contra Crianças e Adolescentes: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas**, Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-analise-de-cenarios-e-propostas-de-politicas-publicas-2.pdf> Acessado em: 02 abril.2021.

MOTA, Robrigo dos Santos. **O combate à fome e à pobreza na política externa brasileira (2003-2010): do discurso à prática e a prática do discurso**. Universidade de Brasília instituto de relações internacionais Programa de Pós-Graduação em relações internacionais. Dissertação Brasília.2015. disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17903/1/2015\\_RodrigodosSantosMota.Pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17903/1/2015_RodrigodosSantosMota.Pdf) acessado em:20 dez.2020.

NASCIMENTO, Dayane; Santos, Elisângela. **Um olhar sobre a infância e a educação em Carolina Maria de Jesus**. Jataí – Goiás: XIV Semana de Licenciatura - V Seminário da Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática, 2017. Disponível em: <http://revistas.ifg.edu.br/semlic/article/view/577> acessado em: 10 Dez.2020.

NUNES, A.J.; SALES, M.C. **Violência contra criança no cenário brasileiro**. Revista ciência&saúde coletiva. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v21n3/1413-8123-csc-21-03-0871.pdf>. Acesso em: 22 de dez. 2020.

POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SANTOS, João Diógenes Ferreira dos. As diferentes concepções de infância e adolescência na trajetória histórica do Brasil. **Revista HISTEDBR [On-line]**, Campinas, n. 28, p. 224-238, 2007. Disponível em: [www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/28/art15\\_28.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/28/art15_28.pdf). Acesso em: 22 de dez. 2020.

SILVA, Andréa Ferreira da. **Ensaio sobre a pobreza no Brasil**, Fortaleza, 2015. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/sites/default/files/2019-05/cenario-brasil-2019.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e. O debate sobre a pobreza: questões teórico-conceituais. **Revista de Políticas Públicas**, v. 6, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3720/1753>. Acesso em: 02 de abril, 2021

UNICEF. **Pobreza na infância e na adolescência**. Publicações, unicef-pobreza-20pp\_nova\_INDD. publicação 13/08/2018  
Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/media/156/file/Pobreza\\_na\\_Infancia\\_e\\_na\\_Adolescencia.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/156/file/Pobreza_na_Infancia_e_na_Adolescencia.pdf). acessado em: 20 dez. 2020.

## SOBRE AS AUTORAS

**Fabírcia Costa Pereira** – Graduanda de Pedagogia, pela Universidade do Estado da Bahia-Campus XII. Bolsista do Programa de Iniciação à Docência – PIBID. E-mail: [candiba9fa@gmail.com](mailto:candiba9fa@gmail.com)

**Rosilane Ferreira Batista** – Graduanda de Pedagogia, pela Universidade do Estado da Bahia-Campus XII. Bolsista do Programa de Iniciação à Docência – PIBID. E-mail: [rf936709@gmail.com](mailto:rf936709@gmail.com)

**Tatyanne Gomes Marques** – Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), compõe o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UESB), na linha de Política Pública Educacional. E-mail: [tatygmarques@yahoo.com.br](mailto:tatygmarques@yahoo.com.br)

**Jany Rodrigues Prado** – Mestra em Educação pela Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora substituta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Observatório da Infância e Educação Infantil (ObEI). Coordenadora pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Guanambi - BA. E-mail: [janyrprados@yahoo.com.br](mailto:janyrprados@yahoo.com.br)